



REFLEXÕES SOBRE UMA ANALÍTICA DO DASEIN:
ente privilegiado, existência e *locanda*

Matheus Rezende Martins¹

RESUMO: Tem por objetivo a apreensão do desvelamento do ser sob a óptica da ontologia heideggeriana. Tenciona-se refletir sobre uma analítica do *Dasein* em contraponto ao entendimento da metafísica tradicional, que estabelecendo o ser como universal, fechou-lhe, também, as possibilidades de apreensão, ao passo que Heidegger, elegeu um ente particular e específico, por vias de uma analítica existencial, na qual o ser se constitui pelo ente privilegiado, detentor de caráter ôntico-ontológico, constituindo para tanto, o conceito de *Dasein*. Reflexões estas, que preceituam a compreensão da *locanda* como espaço de iluminação do ser, sua abertura/habitação; assim como, possibilita desvelar o *Dasein* como a *locando* do tempo e concernir que no nível ôntico-ontológico o *Dasein* se determina pelo ser em sua atuação no mundo, tendo como premissa, que sua essência, está, em sua existência. Trajeto este, realizado por Heidegger, através do método fenomenológico constituído de uma hermenêutica-ontológica.

Palavras-chaves: *Dasein*. Ente privilegiado. Existência. *Locanda*. Hermenêutica-ontológica.

REFLECTIONS ON AN ANALYTICS OF DASEIN:
privileged being, existence and *locanda*

Abstract: Its objective is to understand the unveiling of being from the perspective of Heideggerian ontology. An analysis of traditional metaphysics is intended, which, establishing being as universal, also closed off the possibilities of apprehension, in contrast to the election, by Heidegger, of a particular and specific being, through an existential analysis, in which being is constituted by the privileged being, possessing an ontic-ontological character, thus constituting the concept of *Dasein*. This conceptualization prescribes the understanding of the *locanda* as a space for illumination of the being, its dwelling; as well as, it makes it possible to reveal *Dasein* as the *locanda* of time and concern that at the ontic-ontological level *Dasein* is determined by being in its action in the world, having as a premise that its essence is in its existence. This path, carried out by Heidegger, through the phenomenological method consisting of an ontological hermeneutics.

Keywords: *Dasein*. Privileged entity. Existence. *Locanda*. Hermeneutics-ontology.

¹ UFPel.



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



INTRODUÇÃO

A analítica do *Dasein*² e seus fundamentos ontológicos, abordados por Heidegger em sua obra, *Ser e Tempo*, propõe uma investigação sobre o sentido do ser como abertura das diversas possibilidades de seu conhecimento, pelo que, o conceito proposto, possuí entre suas múltiplas ramificações, a *locanda* de acontecimentos do ser em potencialidade de existência.

Ao contrário da metafísica tradicional, que estabelecendo o ser como universal, fechou-lhe, também, as possibilidades de apreensão, Heidegger elege um ente particular e específico, dotado de qualidades unicamente inerentes a ele, que o destaca possuidor de uma capacidade singular para manifestar o mais profundo sentido do ser.

O *Dasein*, como *locanda* (abertura/habitação), é o espaço que ilumina o ser; é o dar-se, manifestar-se e, concomitantemente o que detém a possibilidade de sua existência. Sua constituição ontológica se funda na possibilidade de ser, sendo responsável pelo seu próprio ser. *Locanda* esta, que não seria possível, sem a existência.

Em Heidegger, *Dasein* é o termo que designa o ente que somos nós, que tem consciência e compreensão de sua existência.

Pelo que, objetiva-se com esta obra laboral, uma reflexão analítica do *Dasein* para um maior entendimento de pelo menos três de suas ramificações, essenciais a sua constituição, a saber: ente privilegiado, existência e *locanda*.

² Dado a dificuldade de tradução do conceito de *Dasein* como, por exemplo, a primeira edição francesa que converteu o termo em *Être-lá* (ser-aí), expressão duramente criticada pelo próprio Heidegger e a edição brasileira que o traduziu por presença, (embora, não sendo sinônimo nem de homem, nem de ser humano, nem de humanidade, mas mantendo uma relação estrutural, segundo nota da tradutora Márcia de Sá Cavalcanti), opta-se no presente ensaio manter o conceito em além, como significância exclusiva, conceituada por Heidegger como “ente que somos nós”, evitando, assim, a distorção de sentido do conceito de *Dasein* e a aplicação indevida na evocação de ser-aí (estar-aí, em sentido real) ou de presença concreta.



Para tanto, delineou-se como caminho didático-pedagógico, a possibilidade de significar uma nova metafísica do ser através da ontologia heideggeriana; bem como, averiguou-se os contrapontos entre a metafísica tradicional frente a ontologia heideggeriana; preceituou-se o conceito de *Dasein* na diferenciação com o ser da metafísica tradicional; possibilitou-se conhecer que a essência do *Dasein* está em sua existência; investigou-se sobre o local: *locanda* do ser, sua habitação; analisou-se o *Dasein* como a *locanda* do tempo e seu caráter de temporalização; e, constatou-se que a ontologia heideggeriana está fundamentada no método fenomenológico em uma hermenêutica-ontológica.

A metodologia empregada no desenvolvimento deste trabalho foi a de revisão bibliográfica qualitativa, tendo a obra Heideggeriana, *Ser e Tempo*, como base às reflexões deste labor científico, bem como, utilizou-se de comentadores de Heidegger, relevantes à compreensão de seus escritos e, de igual forma, à esta produção, que foi distribuída em três seções, sendo que na primeira seção, para análise reflexiva do *Dasein*, tomou-se por objeto de estudo a eleição, do: ente privilegiado (o ser humano); na segunda seção, trabalhou-se o aspecto de que a essência do *Dasein* é sua existência, que o projeta às possibilidades; na terceira seção apreendeu-se o *Dasein* como *locanda* (habitação/abertura), que propiciou, somado aos elementos anteriores a compreensão da ontologia fundamental heideggeriana, fundamentada na fenomenologia de forma hermenêutica-ontológica.

1. ANALÍTICA DO *DASEIN*: O ENTE PRIVILEGIADO

A conceituação universal do ser, pela metafísica tradicional, conduz a ciência de uma cadeia lógica na qual se deduz possuir a clara compreensão de ser. No entanto, para Heidegger “a universalidade do ser transcende toda universalidade genérica” (HEIDEGGER, 1997, p. 28). Neste ponto, a metafísica tradicional, diante da obscuridade na distinção entre ser e ente, ficou impossibilitada frente à questão pela busca do sentido do ser.

Segundo Heidegger, quando se faz asserção de que: “ser é o conceito mais universal, isso não pode significar que o conceito de ser, seja o mais claro, e que não necessite de qualquer discussão ulterior. Ao contrário, o conceito de ser, é o mais obscuro” (HEIDEGGER,



1997, p. 29). Pelo que, pergunta Heidegger em *Ser e Tempo*: “Temos hoje uma resposta à questão do que significa a palavra ente? De modo nenhum. É, pois, justificável que se coloque de novo a questão do sentido do ser.” (SZ³, p. 4). E tratando sobre a questão do sentido do ser Heidegger afirma que: “na medida em que o ser constitui o questionado e ser diz sempre ser de um ente, o que resulta como interrogado na questão do ser é o próprio ente” (HEIDEGGER, 1997, p. 32). Dito de outra maneira, tudo o que se expressa, toda dinâmica intelectiva do pensamento, tudo que se comprehende é ente. Pelo que, não se pode basear a investigação do sentido do ser sobre um ente qualquer, mas, é elementar distinguir este ente em meio às miríades de entes, onde, apenas o ente que tem o poder de compreender-se, pode expressar o ser, ao que deduz:

Ora, visualizar, compreender, escolher, acender a são atitudes constitutivas do questionamento e, ao mesmo tempo, modos de ser de um determinado ente, *daquele* ente que nós mesmos, os que questionam, sempre somos. Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente – o que questiona – em seu ser. Como modo de ser de um ente, o questionamento dessa questão se acha essencialmente determinado pelo que nela se questiona – pelo ser. Este ente que cada um de nós somos e que, entre outras possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós o designamos com o termo *Dasein* (HEIDEGGER, 1997, p. 33).

Dessa forma, a autonomia de fazer a pergunta, colocando essa questão, é inherente a nós mesmos como *Dasein*. O *Dasein*, ente que somos nós mesmos, tem a possibilidade de arguir essa questão, e ao fazê-lo, ocorre uma relação circular entre quem questiona e o questionado, entre quem interroga o ente que somos e o ser interrogado.

Convém salientar, que essa relação é possível devido ao método adotado, tendo como ferramental basilar a fenomenologia de Husserl, reinterpretado à luz da hermenêutica. A fenomenologia como ciência da consciência, segundo desenvolvido por Husserl, tendo como propriedade fundamental o pressuposto da intencionalidade, como um permitir ver o fenômeno, ou seja, aquilo que se mostra por si mesmo, sem encobrimentos, que se desvela (*alethéia*), é reformulado por Heidegger como ponto de abertura onde acontece a manifestação do ser pré-descoberto. Dessa forma, a fenomenologia se torna ontológica e, portanto,

³ A sigla “SZ” é utilizada em referência ao título original de *Ser e Tempo*, em alemão (Sein Und Zeit).



hermenêutica, pois a fenomenologia detém grande campo de trabalho de interpretação inserido ao *Dasein*, de dentro para fora, uma vez que parte do *Dasein* e é pelo *Dasein* mesmo conduzida. Ao que Heidegger afirma:

Só é possível conquistar o modo de encontro com o ser e suas estruturas nos fenômenos a partir dos próprios objetos da fenomenologia. Por isso também o ponto de partida das análises, o acesso aos fenômenos e a passagem pelos encobrimentos vigentes exigem uma segurança metódica particular. A ideia de apreensão e explicação ‘originárias’ e ‘intuitivas’ dos fenômenos abriga o contrário da ingenuidade de uma ‘visão’ casual, ‘imediata’ e impensada (HEIDEGGER, 2006, p. 76-77).

Dito de outra forma, para Heidegger a ontologia só é possível como fenomenologia e assim, como ontologia é uma hermenêutica, justamente porque a analítica fenomenológica engloba o labor de interpretação aplicado ao *Dasein*.

Na leitura de Stein a Heidegger, denota-se com clareza a realização de um trabalho em perspectiva de uma fenomenologia ontológico-hermenêutica, ao que infere:

O modo como Heidegger situa a questão do Ser, a partir da compreensão do Ser, e desde a temporalidade do *Dasein*, nos dá um novo modelo de fundação referido à circularidade hermenêutica e à diferença, sendo este o modelo da finitude. A fenomenologia hermenêutica já estabelece, no início da analítica existencial, o espaço da finitude como único campo para a filosofia, quando introduz a questão do Ser a partir da compreensão do Ser. Dessa posição inicial nasce a ontologia fundamental com seus dois teoremas, os teoremas da finitude: círculo hermenêutico e diferença ontológica (STEIN, 2001, p.117).

E nesta perspectiva, o *Dasein* ocupa um espaço privilegiado em relação a outros entes. A possibilidade, bem como a linguagem lhe é inerente, o que permite ao *Dasein* escolher-se, ganhar-se ou perder-se.

Versando sobre a fenomenologia como abertura a possibilidade, diz Heidegger:

O essencial para ela (a fenomenologia) não consiste em realizar-se como ‘movimentos’ filosóficos. Acima da atualidade está a possibilidade. Compreender a fenomenologia quer unicamente dizer: captá-la como possibilidade (HEIDEGGER, 2002, p. 38).



Captar a fenomenologia como possibilidade é inerente ao ente privilegiado que não é outro senão o ser humano; nenhum outro ente tem o poder de ganhar-se ou perder-se, entregar-se e reaver-se. E a eleição por Heidegger, desse ente privilegiado, em reciprocidade ao próprio ser deste, por intermédio do *Dasein*, fundamenta-se essencialmente na existência como *Existenz*, como veremos a seguir.

2. EXISTENS: A ESSÊNCIA DO DASEIN É SUA EXISTÊNCIA

Ao se iniciar uma analítica do *Dasein* para compreensão do ser, retoma-se o campo de alcance pré-ontológico. Nesta perspectiva, pode-se dizer que o *Dasein* é o ente que comprehende o ser, significando comprehendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, no referente a ser ou não ser de si mesmo.

A concepção de uma analítica do *Dasein* a partir de uma perspectiva pré-ontológica sendo, portanto, o âmbito da existência humana a que se aplica e a temporalidade aonde chega e que a fundamenta, denota a conceituação da tríplice episteme do conceito. Dito de outra forma, Heidegger elabora uma ontologia que é, fundamentalmente, uma fenomenologia do *Dasein*, pois, na determinação da estrutura ontológica deste ente, aquilo que se desvelará é o próprio sentido do ser dos entes. Isto infere dizer que a analítica do *Dasein* é a analítica de um ente pré-ontológico.

A partir de uma perspectiva pré-ontológica de uma analítica do *Dasein*, obtêm-se pelo menos três níveis epistemológicos do conceito, a saber: nível ôntico, nível ontológico e nível ôntico-ontológico.

No nível ôntico, o *Dasein* é determinado pela presença do ser, em meio aos entes. Isto significa dizer que frente à escolha, o escolhido, que não é a única possibilidade, mas a escolha enunciada, faz-se conceber de uma única maneira apontando para o estático, que se refere diretamente ao ente, as diferentes formas de entes. Dessa forma, a estrutura de um episteme ôntico está sempre relacionada a uma causa, como, por exemplo: Mercedes vomitou o próprio estômago, pois bebeu a noite toda. Nesse caso, a causa do vômito foi à embriaguez, e colocou em destaque o ente embriagado, Mercedes. Outro exemplo: Maria é parda de pele. Nesse



caso, o *Dasein* Maria, é substantivado pela coloração da pele, e isto relativa ao ente na presença do ser, que significa dizer que o nível ôntico do *Dasein* se refere à estrutura e a essência própria de um ente, ou seja, aquilo que ele é em si mesmo, sua identificação, sua diferenciação diante dos demais entes, seu relacionar-se com os outros entes.

No nível ontológico o *Dasein* é compreendido como existência em um tempo determinado fundamentando o, ser, como. Dito de outra forma, tudo que se refere ao ser, Heidegger irá chamar de ontológico. Na perspectiva heideggeriana, a história da metafísica é a história do ser. Ser, não no sentido de entes, segundo versado pela metafísica tradicional, mas no sentido de verbo, na língua portuguesa, portanto, sendo concebido por Heidegger com o termo “ontológico”. O ser e a estrutura ontológica não podem ser equiparados a nenhum ente, e nem as determinações ônticas dos entes pelas vias da lógica, que não podem ser aplicadas ao ser.

No nível ôntico-ontológico, o *Dasein* se determinaria pelo ser em sua atuação no mundo. A existência como possibilidade comprehende-se através do *Dasein*. É por intermédio do *Dasein* que se comprehende o ser de todos os entes. O *Dasein* é, nesse sentido, o ente que ontologicamente deve ser o primeiro interrogado.

A partir desses três níveis de conhecimento do ser, Heidegger, concebe uma ontologia fundamental, que consiste em ter o *Dasein* a possibilidade peculiar que lhe é própria de revelar-se, sem se esgotar ou identificar-se com ele.

No §9, o tema da analítica do *Dasein*, Heidegger afirma:

O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez meu. Em seu ser, isto é, sendo, este ente se comporta com seu ser. Como um ente deste ser, o *Dasein* se entrega à responsabilidade de assumir seu próprio ser. O ser é o que neste ente está sempre em jogo. Desta caracterização do *Dasein* resultam duas coisas: 1. A “essência” deste ente está em ter de ser. A quididade (essentia) deste ente, na medida em que se possa falar dela, há de ser concebida a partir de seu ser (existência). Neste propósito, é tarefa ontológica mostrar que, se escolhemos a palavra existência para designar o ser deste ente, esta não tem nem pode ter o significado ontológico do termo tradicional *existentia*. Para a ontologia tradicional, *existentia* significa o mesmo que ser simplesmente dado, modo de ser que não pertence a essência do ente dotado do caráter do *Dasein*. Evita-se uma confusão usando a expressão interpretativa ser simplesmente dado para designar existência e reservando-se existência como determinação exclusiva do *Dasein* (HEIDEGGER, 1986, p. 77).



Para Heidegger, o ser não existe sem o ente, contudo, não se pode confundir com ele. A essência do *Dasein* está em sua existência. O *Dasein* é sempre sua própria possibilidade, dado a pertença entre o ser do *Dasein* e ele mesmo, o ser é sempre meu. O *Dasein* em seu âmbito de existência, projeta seu ser em possibilidades, e a projeção do compreender tem a possibilidade própria de desenvolver-se. No desenvolvimento do compreender, *Dasein* projeta seu ser em possibilidades. Ser, para *Dasein*, é constituir-se a cada momento. A totalidade de seu existir tem sua constituição basilar em sua condição de ser de possibilidade, inclusive no que relativa à definição de ser-para-a-morte. Em Heidegger, a morte é concernida como a última possibilidade do *Dasein*; certeza única em meio a infindas possibilidades.

Se para Heidegger, o *Dasein* é o ente das possibilidades, a existência (*Existenz*), não possui o mesmo sentido proferido pelos medievos, como *existentia*. Se para os medievos a existência é caracterizada pelo fechamento sobre si, para Heidegger a *existenz* é o elemento característico principal de *Dasein*; é o que o impulsiona a projetar-se fora de si mesmo, a existir. Esse projetar-se fora de si mesmo, é o correspondente de seu caráter de poder-ser. Dito de outra forma, *Dasein*, não é uma estrutura abstrata pré-estabelecida e fechada como, por exemplo, a vida dos animais irracionais, onde o ciclo básico é: nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer; Ciclo este, praticamente automatizado, fechado e sem nenhuma perspectiva de movimento criacionista em vertentes de possibilidades. A *existenz* do *Dasein* é fundamentada pelo seu caráter de movimento sobre seu próprio existir, não é estático, não é mecânico, e não está baseado apenas no projetar-se sobre os entes ao redor de si, mas também em projetar-se sobre si mesmo em possibilidades de poder-ser. Segundo Stein em leitura a Heidegger, sobre o conceito de *Dasein* em sua relação estrutural a existência, temos que:

“de nenhum modo é um ente já fixo tal como o sentido comum se representa o ser da pedra ou de uma mesa. Ele se caracteriza por uma relação permanente de instabilidade que mantém em si mesmo. Nunca o ser da existência do homem é coisa acabada; resultado adquirido, sucesso já realizado (salvo quando deixa de ser). O *Dasein* é um existente cujo ser está sempre posto em jogo. Fundamentalmente ele é um poder-ser. Ele é sempre mais do que é e sua condição de ser-mais depende dele. Ele possui necessariamente a liberdade (...) de superar-se. Esta liberdade necessária



não é uma propriedade do *Dasein*, mas do ser mesmo de sua existência, que Heidegger define como sua transcendência" (STEIN, 1990, p.30-1).

A *existenz* do *Dasein*, ente que somos nós, denota sua abertura ao ser. O existir manifesta e elenca pelo menos três aspectos fundamentais, a saber: a facticidade, a existência ou transcendência, e a queda.

A facticidade, ou vida fática é constitutivamente relacionada ao mundo. Relação esta que não deve ser interpretada como uma relação entre dois elementos caracteristicamente autônomos, pelo que, Heidegger escreve: "vida' e 'mundo' não são dois objetos autossuficientes, tais como uma mesa e a cadeira que está diante dela em uma relação espacial" (HEIDEGGER, 2001, p. 65). O conceito de vida fática relaciona intrinsecamente ao seu eixo central o conceito de mundo, que nesse caso não é entendido como objeto, mas "mundo é algo dentro do que se pode viver (em uma objetividade não se pode viver)" (HEIDEGGER, 2006, p. 42). A característica fundamental da relação entre mundo e vida fática é a significatividade. Heidegger afirma que "[...] tudo o que se experiência na vida fática leva o caráter da significatividade; todo o conteúdo leva nela esse caráter" (HEIDEGGER, 2001, p. 43). O mundo seria um aporte conjuntural das condições geográficas, históricas, sociais e econômicas, em que cada pessoa está imersa e no qual a constituição basilar da vida fática constrói sua significatividade.

A existência ou transcendência coloca o *Dasein* como sendo "um ser que se projeta para fora de si mesmo, mas jamais pode sair das fronteiras do mundo em que se encontra submerso" (CHAUÍ, 1996, p.7). Para Heidegger, o *Dasein* está sempre objetivando algo em um projetar-se para fora de si mesmo, e nesse projetar-se o *Dasein* inautêntico se projeta juntamente com os objetos que ele manipula e, transcende justamente pelo fato de estar sempre procurando algo fora dele sem, contudo, conseguir se desligar dos objetos. Pelo que, o *Dasein* e o mundo são totalmente inseparáveis.

Segundo Heidegger, ao *Dasein* são atribuídas uma existência autêntica e uma existência inautêntica.



A existência autêntica do *Dasein* é exatamente a que o coloca como o autêntico revelador do ser, que o faz emergir da angústia e se apoderar do referido lugar que é próprio do *Dasein*. Segundo Marilena Chauí em leitura a Heidegger, a angústia:

“[...] é, dentre todos os sentimentos e modos da existência humana, aquele que pode reconduzir o homem ao encontro de sua totalidade como ser e juntar os pedaços a que é reduzido pela imersão na monotonia e na indiferenciação da vida cotidiana. A angústia faria o homem elevar-se da traição cometida contra si mesmo, quando se deixa dominar pelas mesquinharias do dia-a-dia, até o autoconhecimento em sua dimensão mais profunda” (CHAUÍ, 1996, p.8).

Frente ao colapso causado pela angústia que lhe é inerente, o *Dasein* entenderia sua pré-disposição para a morte (única certeza em sua gama de possibilidades), no acarretar dessa certeza como uma possível abertura a ressignificação da vida em seu sentido autêntico. Ao que Heidegger aufere:

“[...] A cura é ser-para-a-morte. A de-cisão antecipadora foi determinada como ser próprio para a possibilidade característica da absoluta impossibilidade do *Dasein*⁴. Nesse ser-para-o-fim, o *Dasein*⁵ existe, total e propriamente, como o ente que pode ser “lançado na morte”. *Ele*⁶ não possui um fim em que *ele*⁷ simplesmente cessaria. *Ele*⁸ existe finitamente” (HEIDEGGER, 2005, p. 124.).

Dentro desse panorama, ocorre segundo reflexão de Chauí a Heidegger, pelo menos duas possibilidades de solução: ou o *Dasein* subterfugia-se na vida cotidiano-técnica (vida inautêntica), “ou supera a angústia, manifestando seu poder de transcendência sobre o mundo ou sobre si mesmo” (CHAUÍ, 1996, p. 9). A angústia provoca a inquietação no *Dasein*. Inquietação esta que possibilita a estruturação do *Dasein* dentro de sua temporalidade, retendo-o no passado, mas também o projetando no futuro, garantindo sua presença no

⁴ Nessa citação, o original da tradução é “pre-sença”. Substiuímos pre-sença por *Dasein* conforme determinação já discorrida na notação 1.

⁵ *Idem* notação 3.

⁶ Substiuímos o pronome “ela”, relativo à tradução brasileira de *Dasein* por “pre-sença”, pelo pronome “ele”, para fins de concordância de gênero.

⁷ *Idem* notação 5.

⁸ *Idem* notação 5.



mundo, o que lhe possibilitaria transcender o estágio de angústia e possuir autonomia sobre seu destino.

A existência inautêntica está correlacionada à “queda”⁹, auferindo o *Dasein* estar desviado de seu projeto essencial, em detrimento as “preocupações cotidianas, que o distraem e o perturbam, confundindo-o com a massa coletiva. O eu individual seria sacrificado ao persistente e opressivo eles” (CHAUÍ, 1996, p. 8). O excessivo quadro de preocupações cotidianas descharacteriza o ser, individual, do *Dasein*, provocando sua retração e lançando-o no anonimato em detrimento justamente das ocupações corriqueiras, provocando seu desvio de si mesmo e de seu centro ontológico, ou seja, seu afastamento do projeto original de sua existência, submerso no desgaste do cotidiano, alienando-o totalmente de seu dever principal de tornar-se si mesmo.

Enquanto uma existência autêntica ao *Dasein* é colocá-lo como autêntico revelador do ser fazendo-o emergir da angústia e se apoderar do referido lugar que é próprio do *Dasein*, uma existência inautêntica conduz o *Dasein* a fugir de si mesmo e viver decaído no mundo, em estado de alienação, ou ainda em estado de contentamento com o mundo dado, fazendo-o perder seu poder de revelador do ser.

A existência (*Existenz*) do *Dasein*, seja esta, autêntica ou inautêntica, só é possível no *Dasein* como locanda de manifestação do ser.

3. ANALÍTICA DO DASEIN: LOCANDA

O *Dasein* é locanda (abertura/habitação) de manifestação do ser, onde tudo é, onde todos os entes são. A possibilidade e o modo de ser de todo e qualquer ente só é no *Dasein*.

⁹ O termo “queda” é utilizado neste ensaio como sinônimo de decadência, desvio, mudança de caminho, não tendo relação alguma com o sentido teológico bíblico relativo a pecado ou afastamento do humano com a divindade.



Neste ponto, há de se mencionar o momento da filosofia heideggeriana conhecido pelo termo: viragem (*Die Kehre*), que tem sido objeto de debates quanto à concepção de um Heidegger I e um Heidegger II¹⁰.

Em 1946, em Carta sobre o Humanismo, Heidegger fez uma divisão de seus escritos tomando o ano de 1930 como um marco, no esclarecimento de sua dissociação da chamada filosofia da existência, na reafirmação sobre a questão do ser como objetivo principal de seu trabalho filosófico. Esse marco da década de 30 nos permite uma maior compreensão das cisões e das continuidades entre o projeto de uma ontologia fundamental do “primeiro” Heidegger e a superação da metafísica do Heidegger II.

Segundo Hans-Georg Gadamer, *Kehre*, mantém relação com a Floresta Negra: “a inflexão do caminho que sobe uma montanha. Não se realiza aí uma meia-volta, mas é o caminho que se volta na direção oposta – a fim de levar a um lugar mais alto” (GADAMER, 1974, *apud* ALBENQUE, 1996, p. 25).

Essa viragem heideggeriana, comprehende dois momentos distintos de um pensamento complementar. O primeiro, denota o retorno ao interior da metafísica na retomada de suas questões mais fundamentais de maneira originária. No segundo momento, Heidegger retorna ao ponto de partida: o primeiro começo da metafísica. Se antes da viragem a filosofia heideggeriana objetivava fundamentar a verdade do ser a partir do *Dasein*, perguntando a esse ente pela sua verdade vislumbrando a verdade do ser, o pós-viragem, se concentrará na necessidade de superação da metafísica como sinônimo de retorno ao que permaneceu esquecido nessa tradição.

Ocorre neste ponto da viragem à substituição heideggeriana da expressão “sentido do ser”, pelo que denomina agora “verdade do ser”, que caracterizou a seguir como “logradouro do ser”.

Heidegger passa a pensar agora uma abertura anterior ao descobrimento do ente na *existenz* do *Dasein*, ao que esclarece:

¹⁰ Em uma carta a William Richardson, Heidegger redigiu a seguinte observação: “A distinção que você faz entre Heidegger I e II é justificada somente caso se mantenha isso em mente: somente por meio do que Heidegger I pensou, tem-se acesso ao que é para-ser-pensado pelo Heidegger II (RICHARDSON, William. Through Phenomenology to Thought, p. XXIII).



A palavra aqui necessária para expressar o deixar-ser do ente não visa, entretanto, nem a uma omissão nem a uma indiferença, mas ao contrário delas. Deixar-se significa o entregar-se ao ente. Isto, todavia, não deve ser compreendido apenas como simples ocupação, proteção, cuidado ou planejamento de cada ente que se encontra ou que se procurou. Deixar-se o ente – a saber, como ente que ele é – significa entregar-se ao aberto e a sua abertura, na qual todo ente entra e permanece, e que cada ente traz, por assim dizer, consigo. Este aberto foi concedido pelo pensamento ocidental, desde o seu começo, como ta aléthea, o desvelado. (HEIDEGGER, 2008, p.138).

Emanuel Carneiro Leão, no prefácio a Sobre o humanismo, afirma:

Dentro da originariedade de um pensamento essencial o homem não é um sujeito cuja subjetividade consiste em sujeitar às forças de suas pros-pectativas técnicas o ser dos entes, transformando-o na objetividade de simples objetos. No vigor de sua essencialização o homem é locanda, em cujo espaço se desdobra a verdade dos entes. É no homem como locanda do ser que os entes encontram lugar para serem o que são. Pois, tanto a abertura da locanda como o desdobramento das possibilidades dos entes são instalados pela dinâmica de estruturação do ser. O ser é como ser, estruturando a verdade dos entes na essencialização do homem, enquanto referência do ser (HEIDEGGER, 1976, p.13).

O *Dasein* como ponto inicial da investigação sobre o problema do sentido do ser, conduz Heidegger, a ultrapassar a dimensão de compreensão ôntica dos entes, que só faz por ocultar e encobrir o sentido do ser.

O *Dasein* é *locanda*, ou seja, lugar de convergência entre o ente e seu ser. Nessa *locanda* há abertura. Essa abertura é possibilitada pela clareira. Dito de outra maneira, na *locanda*, há compreensão. Por meio da compreensão, o *Dasein* transcende o meio-ambiente (*Um-welt*); o que antecede a clareira é que no meio-ambiente (*Um-welt*), como habitação natural, o *Dasein* é alguma coisa em seu habitat natural sem, contudo, compreender-se, e sem compreensão o *Dasein* não é. Quando refletimos sobre o *Dasein* no mundo (*Welt*) percebemos que ele precisou compreender-se a si mesmo, num contencioso permanente em torno de seu ser não-determinado. Nas palavras de Scheler: “o homem é o X que pode se comportar abertamente para o mundo em uma medida ilimitada [...]” (SCHELER, 2003, p.38). E essa medida ilimitada é possível porque o *Dasein* comprehende exatamente por estar em um lugar, em um tempo. O



ser do *Dasein* não é possuir uma razão, mas anterior a isto, é ser enquanto está em um espaço e em um tempo, interrogando sobre seu lugar e seu momento.

Dasein é a *locanda* da linguagem hermenêutica que questiona e responde, compreendendo a si mesmo, submerso na compreensão de si e de tudo ao seu redor. Não é o *cógitus ergo sum*, não possui a razão como sua essência; *Dasein* é o ser que vive e comprehende através de seu discurso hermenêutico. A *locanda* de abertura do *Dasein* é um não lugar que dá lugar e “coisidade” aos outros lugares e coisas. Na *locanda* do *Dasein* tudo é, e todas as situações são; sendo esta, a condição de toda compreensão. A *locanda* do *Dasein* não existe, ela é. Neste lugar de abertura ocorre o desvelamento do ser pelo *Dasein* enquanto destinação do próprio ser. Desvelamento fenomenológico que mostra o modo de ser do *Dasein*: ser-no-mundo; e a condição de possibilidade para a ocorrência de ser-no-mundo: a compreensão do ser. Heidegger constata que: “em seu sentido mais próprio, o descobrimento retira a proposição do arbítrio ‘subjetivo’ e leva o *Dasein* descobridor para o próprio ente” (HEIDEGGER, 1986, p. 226).

Esse ser-no-mundo está sempre relacionado a algo ou alguém, é um ser-em-situação, mas não atrelado definitivamente à situação, estando sempre aberto a tornar-se algo novo. O ser-em-situação tem seu significado através da linguagem. O *Dasein* é a *locanda* onde ocorre a linguagem e, quanto à linguagem, o *Dasein* penetra na fala da linguagem para chegar a sua morada, ou seja, ele a fundamenta com base nela mesma.

O pronunciamento do discurso é o veículo pelo qual expressamos a fala. O discurso possibilita a constituição da existência do *Dasein*, podendo ser conferido na investigação da ocorrência da escuta e do silêncio, inerentes à linguagem discursiva. O escutar é linguagem porque o discurso fala em nós, mas para escutar é preciso silenciar-se. A linguagem fala como ecoar do silêncio, que carrega em si o mundo. Nesta concepção, a linguagem é para Heidegger a apresentação da coisa através da palavra e não uma objetivação, partindo do pressuposto de que a coisa apresentada não é coisa em si mesma. Ele usa como exemplo para fortalecer seu pensamento a figura do poeta. Segundo ele o que os poetas reproduzem, desvelado pela palavra, é o que permanece para sempre, pois a linguagem poética possibilita a abertura às interpretações.



O *Dasein* é a *locanda* do tempo. Para Heidegger a temporização denota a transitoriedade, o que passa com tempo, no decorrer deste, mas não o próprio tempo. Para ele, neste ínterim, a situação existencial é inseparável da temporalidade, ou seja, o *Dasein* só existe porque está essencialmente ligado ao tempo. E esse existir, projeta a construção do futuro, distinguindo o *Dasein* dos demais entes que são prisioneiros do presente. A temporalidade possibilita a unidade da existência, tornando o *Dasein*, pleno; existir é temporalizar-se.

O *Dasein* enquanto locanda de abertura, ou seja, lugar de manifestação do ser é como uma clareira como, por exemplo: em uma floresta negra há muitas árvores fazendo daquele espaço sombrio e escuro, mas em outro ponto da mesma floresta negra há menos árvores e têm-se a clareira, permitindo que a luz chegue com maior facilidade. Na região coberta por muitas árvores, a iluminação é precária, ou mesmo nula, fazendo com que o conteúdo desse espaço fique oculto. Na região iluminada, da clareira, o conteúdo daquele espaço é manifesto. Clareira é o lugar para que os entes saiam do ocultamento e venham à manifestação. Dito de outra maneira, ocorre um sentido de espacialidade com caráter de espaço aberto para que o *Dasein* possa se manifestar (vir a ser). Isso porque, *Dasein*, é justamente a *locanda*, o lugar de desvelamento do ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste percurso de reflexões sobre uma analítica do *Dasein*, encontrou-se na ontologia heideggeriana a eleição do ente privilegiado, detentor de caráter interrogador e de interrogado, por vias do método fenomenológico, que remete a uma hermenêutica-ontológica como base ao projeto ontológico de Heidegger em Ser e Tempo. Constatou-se que o *Dasein* (ente que somos nós), foi estabelecido por Heidegger como sendo o ser humano, pois nenhum outro entre possui abertura de projeção na “possibilidade de”; significando, deste modo, possuir em seu ser a possibilidade de questionar.

Assim sendo, se averiguou que o *Dasein* é o ente que comprehende o ser, significando comprehendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, no referente



a ser ou não ser de si mesmo, sendo que possuir a possibilidade de questionar só é possível através do existir.

Refletiu-se através da análise da existência aplicada ao *Dasein*, que a metafísica tradicional designou existência como sendo: *existentia* (atualidade, realidade e objetividade), ao passo que Heidegger concebe a existência para o *Dasein* como *Existenz*, significando o projetar-se em possibilidades, o lançar-se para fora de (*ek*) si, pois o *Dasein* é o único ente que se relaciona com seu próprio ser e o ser dos outros entres (nível ôntico), bem como é inerente ao *Dasein* relacionar-se com o ser e ter uma compreensão do ser (nível ontológico). E que no *Dasein*, estrutura-se o primado ôntico-ontológico, que possibilita a compreensão do ser de todos os entes, ou seja, a base do primado ontológico que possibilita todas as ontologias regionais.

Também se esboçou uma compreensão de uma analítica do *Dasein* como *locanda* de manifestação do ser, como sendo uma região iluminada, da clareira, em que clareira é o lugar para que os entes saiam do ocultamento e venham à manifestação. O *Dasein* como lugar de manifestação do ser é a *locanda* da linguagem hermenêutica e *locanda* do tempo. E, a partir dessas reflexões sobre uma analítica do *Dasein*, constatou-se que Heidegger utilizou-se do conceito de existência (*existenz*), como projeção de possibilidades, sendo que, elegeu um ente privilegiado (ser humano), como o único que possui a capacidade de desvelar o ser por intermédio do *Dasein*.

Por fim, as reflexões analíticas sobre o *Dasein*, em suas ramificações, de: ente privilegiado, existência e *locanda* foram muito producentes à compreensão do ser por vias da ontologia fundamental heideggeriana, e fez surgir o desejo por uma pesquisa em um presente próximo sobre a abertura do ser, considerando-se os impulsos elétricos para ocorrência das sinapses neurológicas, com foco no “quando surge a consciência de si” através de uma análise filosófica debruçada sobre a neurociência.



REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ARVON, H. A Filosofia Alemã: *A Filosofia Existencialista*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

ALBENQUE, P. Martins Heidegger in Memorian. O que nos faz pensar. N.10, out. 1996.

CUNHA, H. P. Introdução à leitura hermenêutica em Heidegger. In:Revista Tempo brasileiro – Tb – (Julho – Setembro / 1977 – n° 50). Rio de Janeiro. pp. 23-41.

CHAUÍ, M. Heidegger, vida e obra (prefácio da coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1996.

DASTUR, F. Heidegger e a questão do tempo. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. (Coleção Pensamento e Filosofia)

DUBOIS, C. Introdução ao pensamento de Heidegger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HEIDDEGER, M. Ser e Tempo. Título original: SeinundZeit. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback e Emanuel Cordeiro Leão. Parte I, 6^a edição. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 1997. (Coleção pensamento humano).

_____. SeinundZeit. 16 ed. Tübingen: Max Niemeyer, 1986

_____. Ser e tempo. Petrópoles: Vozes, 1896.

_____. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes, 2002

_____. Carta sobre o Humanismo. Título original: Über der Humanismus. Tradução de Ermílido Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. – (Coleção os Pensadores)

_____. Sobre o humanismo. São Paulo: Tempo Universitário, 1976 (introdução de EMANUEL CARNEIRO LEÃO).

_____. Ser e Tempo. 8º. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.



_____. Sobre a essência da verdade. In: *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ermílido Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Sobre a essência do fundamento. São Paulo: Edições 70, 2007.

_____. Da Experiência do Pensar. Título original: Aus der Erfahrung des Denkens. Tradução de Maria do Carmo Tavares de Miranda. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

_____. Que é Metafísica? Conferências e escritos filosóficos. Título original: Was ist Metaphysik? Tradução e notas de Ermílido Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Coleção Os Pensadores)

_____. Kant y el problema de la metafísica. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

_____. Phänomenologische Interpretationen ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik GA 62. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2005.

INWOOD, M. Dicionário Heidegger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. (Dicionários de filósofos)

NOGUEIRA, J. C. Heidegger ou Os Novos Caminhos da Filosofia. Campinas: Revista Reflexão. Vol. I, nº 03, setembro, 1976.

NUNES, B. Heidegger & Ser e Tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PLATÃO. Timeu - Crítias - O Segundo Alcebiades - Hípias Menor (Trad. Carlos Alberto da Costa Nunes. 3a. Ed., Belém: EDUFPA, 2001.

_____. Timeu. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.

SCHELER, M. A posição do homem no cosmos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

SILVA. Acerca da ontologia fundamental. São Paulo: HUCITEC, 2000.

STEIN, E. Seis estudos sobre ser e tempo. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

_____. Compreensão e Finitude? Estrutura e Movimento da Interpretação Heideggeriana. Rio Grande do Sul: Ed. Unijui, 2001.